

308 Sul é sonho revolucionário

SUELENE TELES

NÃO É para qualquer um o privilégio de poder se encontrar, a qualquer dia, em qualquer hora, num mesmo espaço com eminências como Darcy Ribeiro, Lúcio Costa, Oscar Niemayer e Burle Marx. Pois esse é um privilégio dos moradores da Superquadra 308 Sul. Numa área restrita, que envolve nove blocos, é possível reviver o sonho dos quatro grandes, que fizeram de Brasília o laboratório para suas experiências revolucionárias.

Quadra modelo de projetos arquitetônico, paisagístico e urbanístico, a 308 Sul retrata, ou pelo menos um dia tentou, o conceito de se viver bem, com qualidade de vida, sem enfrentar o drama e o caos cotidiano da vida nas grandes cidades. Ali, no que já foi descrito como um pedaço do paraíso, parece ter sido encontrada a resposta da equação que de um lado utiliza conceitos como o da cidadania e do outro a boa vontade dos poderes públicos em investir no bem comum.

Não é nenhum exagero de seus moradores mais antigos comparar a 308 Sul com uma lembrança do paraíso. Quem não sonhou e não sonha em poder, sem esforços ou sacrifícios, conviver com a beleza e o bem estar, sem às vezes, sequer, ter de sair de casa? Aos moradores do bloco F, por exemplo, basta abrir a janela de seus apartamentos para se depararem com um espelho d'água projetado por Burle Marx, que junto com espécies raras de árvores e arbustos formam um conjunto paisagístico ímpar.

Os moradores do bloco F não são privilegiados apenas pela visão através de suas janelas. Moram em gigantescos apartamentos, apenas dois por andar, com cinco quartos e duas dependências para empregados (dois quartos e dois banheiros) e numa sala que equivale ao espaço de um desses recém-construídos apartamento de dois quartos.

O paraíso da 308 Sul foi o erigido com requinte e sofisticação. O projeto de paisagismo não se contentou apenas em agradar aos olhos. Por trás de majestosas palmeiras imperiais, jacarandás mimosos, ficus selvagens, mognos, buritis, flamboyants, quaresmeiras e ipês rosa e roxo uma cerca de arbustos característicos do cerrado foi cuidadosamente ali colocada para o trabalho de contenção da poeira e do ruído e ainda para resguardar a privacidade de seus moradores.

No esplendor de seus anos dourados, o paraíso ofereceu, com



Francisco Stuckert

Francisco Stuckert



Na década de 60, moradores da 308 Sul se orgulhavam de residir num espaço comunitário exclusivo com a Igrejinha, que é cartão postal de Brasília, e o Clube de Vizinhança

83

exclusividade a seus moradores igreja, clube e escolas públicas com uso particular e funcionou como um modelo de comunidade perfeita.

A Queda— Como em toda história de paraíso a queda é inexorável, os moradores da quadra há cerca de 15 anos começaram a sofrer com as rachaduras nos muros que cercavam seus sonhos comunitários. A decadência das linhas de sustentação dos projetos que fizeram da 308 Sul o orgulho dos que investiram na mudança da capital passou a incomodar os habitantes daquele espaço antes restrito.

As escolas deixaram de servir apenas aos filhos da quadra. A igreja já não recebe apenas os vizinhos fiéis e o clube passou a ser frequentado por pessoas a quem não se pode oferecer o cumprimento reservado aos que partilham da intimidade. O paraíso da 308 não resistiu ao tempo. Hoje convive, como qualquer quadra menos nobre, com os problemas e conflitos advindos da falta de compreensão dos próprios moradores e das outras prioridades eleitas pelo governo, que precisa socorrer a quem demonstra mais carências.



Francisco Stuckert

Palmeiras imperiais dos jardins projetados por Burle Marx